

MINO, JORNALISTA DE OPINIÃO

Profissional de inegável postura ética, exemplo de como manter a dignidade, apesar dos encantos da serpente...

Mino Carta é um jovem senhor de 67 anos talvez, pois não se sabe ao certo quando nasceu, mas a data está entre setembro de 1933 e fevereiro de 1934, imprecisão comum entre as famílias de antigamente. Do nome Demétrio, que não gostava, ficou com o diminutivo, Mino. É um dos mais talentosos e importantes jornalistas do país. Foi responsável por periódicos que fizeram escola, tais como: *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde*, revista *Veja*, *Senhor*, *Isto É*, *Jornal da República*. É hoje diretor de redação da revista *Carta Capital*. Em entrevista à *Comunicação & Educação*, de sua sala na redação, às voltas com o fazer e fazer bem feito mais uma edição de sua revista, falou sobre como foi o primeiro encontro com Victor Civita, sobre a contratação para fazer *Quatro Rodas* e depois *Veja*, de sua relação com Golbery do Couto e Silva, com o ministro do go-

verno Geisel, Armando Falcão, e da censura. Falou ainda do Brasil, para ele colônia dos EUA, dos futuros presidenciais e da falta de qualidade do jornalismo que se pratica hoje na grande imprensa brasileira. Por Roseli Fígaro.

RCE: *Você tem uma tradição de jornalistas na sua família; seu avô, seu pai, seu irmão Luís e você. Como isso aconteceu?*

Mino Carta: Meu avô materno que se chamava Luigi, Luís, era jornalista. Meu pai apaixonou-se pela filha dele e decidiram se casar em idade relativamente diminuta. Ambos acabavam de se formar na universidade. Ela em Letras e ele em Direito. Eles queriam casar, mas ele não tinha emprego, e montar uma banca de advogado parecia ser algo complexo, o pai de meu pai era professor e de todo jeito vivia de salário. Então o pai da minha mãe, que dirigia um jornal, perseguido neste

tempo pelo fascismo, mas ainda um homem de muito prestígio – tinha uma certa força –, arrumou um emprego para o meu pai no jornal, embora ele não pensasse em ser jornalista.

RCE: *Isto em Gênova?*

Mino Carta: Em Gênova. Então meu pai descobriu que gostava de jornalismo, parece que ele tinha talento. Ele logo saiu daquele jornal, e foi trabalhar em outro, que era o principal da cidade, aliás até hoje é o principal jornal da cidade, da região, que se chama Il Secolo XIX. E virou redator-chefe deste jornal aos 28 anos. Devia ter algum talento o senhor meu pai, eu não tinha ainda nascido. Mas ele foi antifascista, foi perseguido, acabou preso, enfim, mil peripécias. E aí ele veio para cá, um ano e pouco depois da guerra, em agosto de 1946.

RCE: *O que motivou a vinda?*

Mino Carta: Motivou a vinda o fato de que apareceu uma proposta do sr. Francisco Matarazzo, que na época era o homem mais rico do Brasil e que, entre outras coisas, supunha ser dono do jornal Folha de S. Paulo, aliás neste tempo Folha da Manhã, porque supunha ter a maioria acionária. Ele tinha um pacote de ações e achava que havia um pequeno grupo que estava com ele e que era o fiel da balança. Na verdade, este pequeno grupo, na hora H bandeou-se para o outro lado. Mas o Matarazzo não calculou isso e fez o convite para o meu pai vir para cá para ser o diretor, atrás dos bastidores, deste jornal. Atrás dos bastidores porque não seria possível meu pai ser diretor sendo estrangeiro. Meu pai achou a proposta muito interessante. Ele tinha também uma idéia, que

se verificou errada. Não era perfeito, ninguém é. Ele achava que viria uma Terceira Guerra Mundial, e nós tínhamos vivido uma guerra, com dois filhos pequenos para criar e decidiu transpor a ponte.

RCE: *Você tinha quantos anos nesta época?*

Mino Carta: Agosto de 1946 eu tinha 12 anos e meu irmão tinha 10. Mudamos para cá e logo aclimatamos, viramos brasileiros, estudamos aqui. Aí eu tive a oportunidade de ir trabalhar na Itália. Mas, enfim, eu virei jornalista por causa de um terno azul-marinho, meu irmão porque queria ser jornalista. Eu queria um terno azul-marinho, não sabia o que queria. Era um pândego.

RCE: *E a sua formação para pintura, porque você também é um artista de importância. Você teve formação para isso?*

Mino Carta: Queria ser pintor, mas como pintor também sou um autodidata. Depois, quando fui trabalhar em jornal na Itália, tive a oportunidade de trabalhar com um grande pintor durante algum tempo... Mas no fundo não é que eu tenha formação de escola de arte. Meu pai além de ser jornalista, fez cursos e virou professor de História da Arte. Ele dava aulas, chegou a dar um curso importante na USP, de História da Arte.

RCE: *E quando você voltou da Itália para cá, disse que virou jornalista por conta de um terno azul-marinho, mas você parece que gostou.*

Mino Carta: Quando voltei para o Brasil o problema já estava resolvido. O terno azul-marinho remonta os meus 16 anos, entre os 15 e 16 anos, que era quando eu

queria um terno azul-marinho, deu para escrever uns artigos, uns artiguetes assim sem grande esforço intelectual e consegui juntar um dinheiro para mandar fazer um terno azul-marinho. Esse era o objetivo. Daí acabei virando jornalista por força de inércia. Depois disso fui para a Itália, trabalhei lá e quando voltei para o Brasil, evidentemente, o jornalismo já não era força de inércia.

O Civita me procurou em Roma
e me fez um convite muito
tentador, sobretudo em termos
de salário.

Então, voltei já para ser diretor de redação, que era uma coisa que na Itália as pessoas gargalhavam. Porque na Itália, para ser diretor de redação, só depois dos quarenta anos, você precisa ter mostrado bastante serviço. E eu, aos 25, receber uma proposta para ser diretor de redação!

RCE: *Esta proposta foi para você dirigir a Quatro Rodas?*

Mino Carta: Foi para fazer a Quatro Rodas. Recebi, em dezembro de 1959, em Roma, o Victor Civita para um almoço e ele me convidou para fazer a revista. Argumentei que não sabia dirigir automóvel e não sei dirigir até hoje. Não distingo um Volkswagen de um Mercedes. Não me interessa, não tenho nenhum pendor para a questão. Ele disse que precisava de um jornalista. Ele tinha um milhão de planos, queria fazer uma revista para concorrer com a Manchete e se a minha experiência fosse bem-sucedida ele tinha planos para fazer uma outra revista, que no caso era a

Veja. Achei tudo isso muito tentador e aceitei aceitando. Aí virei jornalista de verdade. Na Itália, já tinha sido também, de alguma forma.

RCE: *Como foi este seu contato com o Victor Civita? Por que você?*

Mino Carta: Primeiro, em 1958, saí do jornal de Turim onde trabalhava, chamava-se a Gazeta Del Popolo. Saí porque o dono deste jornal resolveu colocá-lo na mão da democracia cristã. Neste tempo havia uma lei pela qual você podia exigir sua indenização completa, e ser indenizado até o último tostão, caso você provasse que o seu jornal tinha mudado de linha política. Eu estava trabalhando em um jornal teoricamente independente, não ligado a nenhum partido e de repente o dono desse jornal, que não era diretor, na Itália não existe diretor por direito divino, tinha decidido apoiar o Partido Democrata Cristão. Não para torná-lo um órgão oficial do partido, mas para tornar o jornal democrata-cristão. Resolvi não trabalhar nesse jornal e fui embora. E recebi a indenização. Hoje mudou um pouco esta lei porque as diferenças ideológicas são menos sensíveis. Pelo menos dizem... Acho que não são, mas não importa o que eu acho. Uma revista de Roma me convidou para escrever uns artigos sobre o Brasil, umas reportagens. E vim para o Brasil, passei três meses aqui. Isso foi em 1958. O Victor Civita, neste momento, me procurou, mas eu não quis. Primeiro, não queria voltar, segundo, não tinha muita confiança. Depois ele acabou fazendo a proposta para o meu irmão. Meu irmão, Luís Carta, estava em Roma. Foi chamado pelo Bloch e voltou para trabalhar com o Bloch, mas aí o Victor Civita o chamou para vir para São

Paulo, eles se acertaram e o Luís virou diretor editorial de uma editora muito incipiente, a Editora Abril, cuja principal revista era chamada Manequim. Mas quando o Victor Civita começou a pensar em fazer a Quatro Rodas no Brasil meu irmão disse a ele para me procurar. Foi assim que o Civita voltou a falar comigo. Eu disse para o meu irmão que aquele cara não era de confiança. Mas o Luís disse para eu não me preocupar, que tudo iria dar certo. Assim, acabei aceitando.

RCE: *Querida que você falasse um pou-*

Revista Jornal dos Jornais/Mar.1999



Mino Carta, um combatente do jornalismo de qualidade

co sobre um jornalista e um dono de jornal também, bastante polêmico, Samuel Wainer. E do jornalismo de Última Hora. Querida que você expressasse sua opinião.

Mino Carta: Acho que o Samuel Wainer foi certamente um homem brilhante e um jornalista competente. A visão que ele tinha das coisas da política, do mundo, da vida é diferente da minha. Talvez

ele fosse um realista, um pragmático. Era um homem que estava disposto a trabalhar para o poder de alguma forma.

RCE: *Você acha que o Última Hora foi só um jornal do poder?*

Mino Carta: Não exclusivamente, mas era um jornal feito para ter um compromisso político, para apoiar Getúlio, tinha dinheiro do Matarazzo, aliás, isso não mais na década de 40. Estou falando de outra década, de 50 e começo da década de 60. Era um projeto a seu modo bem interessante, tinha colunas muito válidas para o meu gosto. Por exemplo, a coluna do Stanislaw Ponte Preta, era uma coisa divertida, o Nelson Rodrigues escrevia *A vida como ela é*, era um continho, crônica meio conto, diária. Era um jornal que inegavelmente tinha as suas qualidades. Repito que acho que o Samuel Wainer era muito inteligente, e um jornalista muito competente, com faro para a coisa, mas com uma visão bem distinta da minha. Nunca faria um jornal que deliberadamente surgisse para apoiar este ou aquele.

RCE: *A revista Realidade foi lançada em 1966, portanto depois do Golpe. Qual a importância dela para o jornalismo da época?*

Mino Carta: A grande qualidade da revista foi o fato de ela ter enfrentado alguns temas que eram candentes na época, que chamavam muito a atenção e que continha debater, era muito justo debater, e ela soube selecionar estes temas e debatê-los. Esse foi o grande mérito e a razão do grande êxito da revista. Tinha um defeito, a meu ver, que não era um defeito da publicação em si, era um defeito da periodicidade. Era uma revista mensal e, portanto, um pouco limitada deste ponto de vista.

Tanto que quando veio a Veja, precipitou-se a crise da Realidade.

RCE: *Então você acha que a receita da Veja ajudou a enterrar a Realidade?*

Mino Carta: Aí há duas questões a serem consideradas. Primeiro, o Regime Militar deu uma volta no parafuso.

É preciso levar em conta isso.

Em relação a 1966, 1968 e, sobretudo, o fim de 1968 foi um tempo muito diferente. Tanto que dezembro de 1968 deságua no AI-5. Tem uma volta no parafuso que impede, que tolhe a liberdade da Realidade.

A Realidade tinha discutido assuntos que àquela altura já não era possível discutir. Este é um ponto importante. Por outro lado, a fórmula de Veja acabou jogando nas bancas uma revista semanal, e tudo isso não tem a ver com a qualidade de uma ou de outra, não estou comparando as duas revistas. Inclusive porque a Veja levou tempo para achar a embocadura correta. Mas digo, eram duas publicações: uma muito favorecida pela periodicidade curta, outra muito prejudicada pela periodicidade longa. De qualquer maneira, a Veja prejudicaria a Realidade, mas houve além de tudo o fato de que certos debates promovidos, certas questões que a Realidade tinha coragem de levantar já não podiam ser levantados.

RCE: *Você acha que há espaço para o*

tipo de jornalismo de Realidade hoje em dia?

Mino Carta: Não sei. Assuntos candentes, importantes são produzidos todos os momentos. Estou falando de assuntos em termos profundos, em termos filosóficos. O dia-a-dia fornece fatos, personagens, eventos, o diabo-a-quatro, e tudo isso justifica a cobertura jornalística. Mas, ao mesmo tempo, sempre há reflexões, meditações, idéias a serem aprofundadas, a serem discutidas. O terrorismo, o que significa? Esta seria uma matéria que numa revista deste tipo caberia perfeitamente. E no fundo cabe também numa revista semanal. Tanto que as revistas mensais hoje são revistas de cultura, de alta cultura, não é o jornalismo contingente, ou então são coisas mais leves como era a revista Esquire, que não é também o que ela já foi. A periodicidade mensal nos dias de hoje é ainda mais complicada do que então.

RCE: *Você falou que a Veja demorou para encontrar o seu caminho. Como é que foi esta experiência inicial?*

Mino Carta: Passou um tempo longo até encontrar o caminho porque, em primeiro lugar, éramos um bando de celerados inexperientes, a começar por mim. Depois, o público não estava preparado para aquele tipo de comunicação: blocos pequenos, muito texto, confrontando este modelo com a Manchete, com as revistas ilustradas que naquele tempo eram grandes, tinham formato maior que os de hoje. Tudo isso criava certas dificuldades. Junte a isso o fato de que eu tinha recebido uma receita: produzir um *news magazine* de estilo americano no Brasil, portanto tive de adaptá-lo dentro das possibilidades, e aquilo não era nada fácil. Um dos ingredientes da receita rezava que se fizesse uma revista que se apresentava

como se tivesse sido escrita pela mesma mão de fio a pavio. Também isso criava certas dificuldades, conciliar estilos diferentes. Então levou tempo.

RCE: *Depois da sua saída de Veja a censura acabou para a revista? Gostaria que você falasse um pouco disso. Depois gostaria que você falasse do seu rompimento com os Civita e o que isso teve a ver com os interesses econômicos da Abril na oportunidade.*

Mino Carta: Posso te fazer uma proposta nefanda. (Mostra o livro Castelo de Âmbar) Está tudo aqui. Conto apenas a história exata como foi. Recoloco os tempos. Aliás, o livro é atemporal, mas isso aqui não (Mostra o capítulo do livro e inicia sua leitura.). “Na manhã de 22 de janeiro de 1964 etc...” Isto aqui é a história exata, exatamente como aconteceu. Envolve o ministro Falcão, a redação da *Veja*, a minha presença no conselho diretor da revista. Você pode transcrever.

(Abaixo transcrevemos parte do texto a que se refere Mino Carta e que está no livro de sua autoria Castelo de âmbar¹, sob o nome de Um conto, apenas)

“Meados de novembro de 1975, Mino renova a proposta. Nos últimos três meses a situação degradingolou em consequência de um desastrado discurso do general-presidente Geisel. Afirmou que a distensão não foi tão lenta e gradual quanto seria desejável, houve precipitação, e, portanto, deixou de ser segura. Daí da conveniência de se reestudar o projeto. Em

letargo há tempo, o terror de Estado emerge da toca.

Quando Mino retorna à presença de Vici com seu plano, acaba de morrer sob tortura nas masmorras da repressão o jornalista Vlado Herzog, diretor de Jornalismo da TV Cultura. Duas semanas antes do assassinio, Mino dera emprego a um dos melhores amigos de Herzog, e seu imediato na televisão, saído da Cultura por medida de precaução.

Não foi o único desafio ao regime cometido por *Veja* no período, apesar das ameaças e da tensão montantes. A revista aprimorou as tentativas para ludibriar a censura e, às vezes, conseguiu. Além disso, em julho, Mino entregou a Plínio Marcos, teatrólogo e ator, perseguido pelo regime, uma rubrica semanal de esportes que de tudo falaria menos dos próprios. Plínio é autor da peça *Abajur Lilás*, cuja estréia foi proibida por determinação direta de Armando Falcão, a quem compete, entre outras atribuições, elaborar o índice da ditadura fardada.

Mino encara a situação de dois ângulos, e ambas as análises o conduzem à mesma conclusão. De um lado está a Editora Abril, com seu pedido de empréstimo subordinado à renúncia à linha crítica. De outro, a convicção de que seu tempo na *Veja* se esgotou. A morte de Vlado é o ponto de ruptura. Mino sabe que sua concepção de jornalismo já não se justifica à sombra da arvorezinha, símbolo da Abril, e o impele na direção de outras experiências. Vici tergiversa, mas Arci sugere:

1. CARTA, Mino. **Castelo de âmbar**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 184-190, 194-197.

— Por que você não tira um período de férias, de seis meses, por exemplo?

Mino esclarece:

— Tenho três meses de férias vencidas, três e não mais.

E Robert, complacente:

— Tudo bem, então tire três.

Observa Mino:

— E daí, o que muda? Mesmo de férias, sou o diretor, enquanto estou oficialmente no leme não há como alterar a rota.

A rapidez com que pai e filho apresentam uma solução para o problema é suspeita, e nem por isso Mino se abala. Os dois estão preparados há tempo para esta conversa, é óbvio. No entanto, os botões do diretor de *Veja* permanecem em estado de absoluta indiferença quando Vici esclarece:

— Faremos um protocolo para garantir o sossego de suas férias.

Protocolo? Que nome ridículo, pensou Mino. Mas lhe faltou ânimo para uma daquelas tiradas que despertavam o inesperado sorriso do diretor responsável. E se fez o protocolo, colaborou o próprio Edgard Faria para lhe dar a forma de documento juridicamente válido. Pontos principais: Mino seria substituído em tudo e por tudo pelos dois redatores-chefes, José Roberto Guzzo e Sérgio Pompeu; a linha da revista não sofreria a mais pálida modificação; ninguém, empregado ou colaborador, poderia ser demitido por razões político-ideológicas. Não estaria a salvo, está claro (mas como seria bom o contrário), quem, por exemplo, desferisse um louvável pontapé nos fundilhos de Robert Civita.

Mino partiu para Roma – naturalmente – nos últimos dias de 1975, com data marcada para o retorno à redação no dia 1º de abril do ano seguinte, quando caducaria o protocolo. Partiu em paz, em companhia da mulher que amava, deixando-se embalar pelo momento presente. Não teria razões para se arrepender por ter posto a emoção a cantar.

Nem se passaram quinze dias de sua partida, e ao encontrar Edgard Catoira aparentemente por acaso, Victor Civita desvendou os propósitos da operação. Destinava-se a avaliar o grau de fidelidade da redação de *Veja* ao diretor, a capacidade dos redatores-chefes de assumir o comando e sua disposição para alterar a rota. Não é que Mino não tivesse cogitado desta possibilidade, e até a aquilatasse como a mais provável. Dá-se que, àquela altura, pouco se importava com o desfecho do enredo. Em compensação Catoira, que nutria por Mino admiração infanda, padeceu de insônia noites a fio.

O encontro com o patrão aconteceu na praia onde ambos veraneavam, Catoira de austero calção azul-marinho, Vici de sunga exígua, inadequada ao físico e à idade, vestida com a implacável certeza de estar sempre agradando. Catoira, esticado na espreguiçadeira, sentiu a mão imperiosa pousada sobre o ombro, ergueu os olhos e bateu no rosto rapace do *chairman*. Levantou-se num salto. Alguém poderia supor a demonstração do respeito. No entanto, foi susto.

— Vamos dar um passeio – convidou Vici, como que induzido ao ges-

to pela modorra embaçada da hora. Caminharam com os pés na água espumosa. O patrão dissertou sobre eventos recentes, relatou outros, de- teve-se de súbito:

— Edgard, que faz o empresário cujo executivo toma decisões que prejudicam a empresa?

Mais tarde, Catoira perguntou à sua mulher (eles eram muito unidos):

— Por que o cara fala estas coisas comigo? Ele sabe que adoro o Mino.

— Por isso mesmo – respondeu a mulher.

“Mino voltou de viagem dia 23 de janeiro de 1976, vinha no mesmo avião que trazia o vice-governador do Estado de São Paulo, Manuel Gonçalves Ferreira Filho. E senhora. O mesmo Maneco – assim o chamavam os amigos – que tempos depois se referiria a Mino, em conversa com o comandante do II Exército (abrangendo vasta região a partir de São Paulo), general Dilermando Gomes Monteiro, como perigoso subversivo. Comunista até a medula.

O general Dilermando era, a seu modo, bastante peculiar. Discordou:

— Subversivo? Não acho, leio o que ele escreve, enxergo um opositor que sabe honrar sua profissão.

Dias depois, convidou Mino em sua casa para uma chá no meio da tarde, e ambos acharam muita graça no Maneco. E voltaram a se encontrar muitas vezes.

Mino e o vice-governador não combinavam e a bordo do avião evitaram trocar olhares. Na hora de sair, a mulher de Mino, encanto de pes-

soa distraída, adiantou-se, embora Mino tentasse segurá-la, e desceu ao lado do vice-governador, esperado na pista pela claque dos correligionários. Só faltava a banda de música. Aos pés da escada, a mulher de Mino deu-se conta do ocorrido. A autêntica senhora Ferreira, atrasada três degraus e de início ignorada, a despeito de um penteado em perfeita levitação graças ao laquê prodigioso, foi presa de um ataque de irritação sem freios, para deleite de Mino que, do alto da escada, gozava de visão panorâmica do conjunto.

Ao chegar em casa, o casal ainda ria do evento, quando o telefone trilou. Era a secretária de Civita pai. O patrão convocava Mino para uma conversa urgente. Ele foi, para ouvir Vici decretar:

— Você precisa demitir Plínio Marcos, já!

Mino não tinha tido tempo de sentar-se, sentou-se.

— Como?

— Demitir Plínio Marcos – repetiu o patrão. — Por quê?

A censura está para sair de *Veja*, garante Vici, a demissão de Plínio Marcos é o que falta para encerrar o assunto.

Mino, empenhado há algum tempo em controlar a sua impulsividade, receitara para si próprio adequados exercícios de respiração a serem executados nos momentos ríspidos, bem como o tradicional recurso de contar mentalmente até dez antes de tomar qualquer atitude. Foi o que fez, e mais tarde louvaria a si próprio por isso.

— Seu Victor, assinamos o proto-

colo – lembrou. O *chairman* parecia ter esquecido o documento.

— Que está dizendo? – inquiriu, áspero.

Paciente, Mino recordou que o protocolo vigorava até 1º de abril.

— Até lá – disse –, as coisas ficam como estão, depois faça o que bem entender, mas despeça a mim antes de Plínio Marcos.

— Não – exclamou Vici –, você demite. – E sublinhou “você”, com ênfase. Mino repetiu os exercícios relaxantes. Ao cabo, perguntou:

— O que o leva a crer que a censura está saindo da *Veja*?

E ele, prontamente:

— Errecê esteve ontem em Brasília, com o Falcão, está tudo acertado.

— Sinto, seu Victor, mas o protocolo tem de ser respeitado até 1º de abril. Não abro mão do protocolo.

— Mas como? Até o Tratado de Versalhes foi rasgado...

— Fico supreso com esta lembrança – disse Mino, e imaginou que, estivesse ali, o diretor responsável não evitaria um sorriso –, mas que o senhor, judeu, se refira, ao Tratado de Versalhes é de pasmar...

Vici não entendeu, ou fingiu.

O Tratado de Versalhes, assinado quase sessenta anos antes, vexara severamente a Alemanha, batida em cruentíssima guerra mundial, e a humilhação fora o caldo de cultura do qual, lá pelas tantas, emergiu a figura sinistra chamada Hitler.

— Demita Plínio Marcos! – mandou Victor Civita.

— Demita o senhor, até logo e passar bem. – Mino deu-lhes as costas e

saiu da sala. No andar de cima o esperavam redatores-chefes e editores, Mino se viu na condição de repórter e a cumpriu com concisão. Seu nome saiu do expediente na edição seguinte e foi proibido seu acesso ao Edifício Abril.

Um dia antes do retorno de Mino, mais um havia morrido sob tortura, o operário Manuel Fiel Filho. De todos os episódios do trabalho incompetente da repressão, este foi o mais patético e trágico, ao mesmo tempo. Manuel, inócuo cidadão, não era aquele que supunham ser. Todos trafegaram às escuras, torturadores e torturado”.

[...]

“Para mais um encontro com Mino, prontificou-se o próprio *chairman*. Uma sensação de vergonha e humilhação agitava a redação, alguns estavam confusos, outros encolerizados, e tais sentimentos não favoreceram as duas edições feitas depois da demissão de Mino. Em compensação, facilitaram a operação Dorrit. Avisou a Mino:

— Seu Victor gostaria de conversar com você, aqui mesmo, na editora.

— Mas como – disse ele –, se minha entrada foi proibida?

Você vai entrar. Amanhã às 4 está bem?

O editor e diretor saiu de trás da mesa de trabalho e foi ao encontro de Mino de braços abertos, apertou-o contra o peito – Mino juraria que Vici estava de olhos marejados – e o comboiou para o sofá, conforme ritual reservado a visitantes de respeito.

— Mino, Mino, por favor me ajude – invocou.

— É simples – disse Mino –, é só colocar novamente em vigor o protocolo, oficialmente até 1º de abril, de verdade, antes disso o senhor receberá minha carta de demissão, porque está claro nesta editora não trabalho mais, nem mesmo como correspondente em Roma, é impossível conviver com seu filho, um cretino...

— Não diga isso – implorou Vici –, diga ingênuo...

— Está bem, ingênuo. Por enquanto, o senhor devolve meu nome ao topo do expediente e chama de volta o Plínio Marcos. Acho que assim a redação se acalma.

— Mas, que vai dizer o Falcão? – perguntou o diretor-presidente, com a ingenuidade que atribuía ao filho, pensou Mino na hora. Tempos depois pensaria melhor: ingenuidade? Que nada, desfaçatez. Na ocasião, Mino esclareceu prontamente: — Eu mesmo contarei ao Falcão estas decisões, já marquei uma audiência com ele.

O *chairman* arregalou os olhos.

— É mesmo?

Mino respirou fundo:

— O senhor acha que estou brincando?

O nome de Mino reapareceu na edição seguinte no lugar habitual, mas Plínio Marcos recusou-se a voltar a colaborar, o demitiram novamente ao caducar o protocolo. Mino deixou uma lacônica carta de demissão nas mãos dos redatores-chefes, avisando:

— Um dia desses peço para entregar ao seu Victor.

Dias depois, Falcão disse ao recebê-lo:

— Mino, você vive dias muito ten-

sos, acho que lhe faria bem uma temporada na minha fazenda de Quixeramobim, uma beleza, você vai lá pelo tempo que quiser, deita na rede debaixo das árvores, toma água de coco...

Mino foi polido.

— Obrigado, mas fica para outra vez. Por enquanto, seja gentil de outra maneira, me conta como foi, do seu ângulo, essa história toda que nos envolveu...

— Elementar, elementar: eu recebia aqui quatro diretores da Abril, Victor Civita, Robert Civita, Edgard de Silvio Faria e Pompeu de Souza. Os quatro repetiram, dois anos a fio, que a *Veja* estava contra a gente por sua causa. Então, pergunto: que teria de fazer? Meu caro, não tinha alternativa.

Mino anuiu.

— Certo, certíssimo.

Despediu-se.

— Olha, não vai esquecer do meu convite para a fazenda de Quixeramobim – recomendou Falcão.

Dois meses após, a censura acabou em *Veja* e a Abril recebeu o empréstimo”.

“A saída de *Veja* não foi um fato negativo na vida de Mino. Pelo contrário, levou-o a praticar um tipo de jornalismo que correspondia às suas idéias políticas, pendores estéticos e humores em circulação entre o fígado e a alma. Versos escritos em perfeito italiano duzentos anos antes de Dante pelo rei Enzo da Sicília, neto de normandos, ele os tinha como lema:

*Giorno non ho di posa,
come nel mare l'onda.*

Achava que os versos o retratavam. Mediu, naquele começo de 1976 – e isto também foi positivo –, os alcançes da velhacaria patronal e de boa parte dos seus colegas, patifaria de largo espectro, e espaço idem para a estupidéz, a ignorância, a prepotência, a inveja, a hipocrisia, o oportunismo e o que mais quiserem na linha inescotável das características do lado negro do homem. Com exceção de notas esparsas, mas prudentes, a história só foi contada, com correção e todos os detalhes, pelo jornal do sindicato dos jornalistas de São Paulo, então presidido por Audálio Dantas, veterano do jornalismo a despeito de apenas quarentão, e dono daquela rara coragem que não se permite alardes.

Vinte e três anos depois surgiu nas páginas de jornais e revistas uma comparação entre Victor Civita e Mino Carta, feita em 1987 pelo último general-presidente, João Baptista Figueiredo, em meio a longo depoimento a ser divulgado somente depois de sua morte. ‘Victor Civita’, gravou Figueiredo, ‘me disse no palácio que o papel da imprensa não é agradar o governo. Mas será que tinha moral para dizer isso? Vá ver se a Abril não foi selecionada para fornecer livros fornecidos pelo Ministério da Educação... Prefiro o Mino Carta, de quem o general Geisel não gostava. O Mino é um chato, um criador de casos, com aquele vício de questionar tudo. Algum dia ele vai querer fazer a revisão do Evangelho. Mas não ficou com o rabo preso’.

Mino achou que este foi o maior elogio que recebeu em toda a vida e

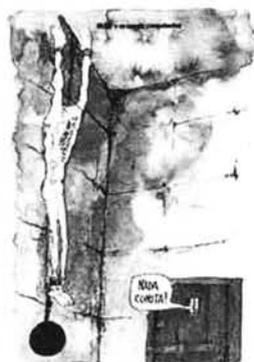
talvez valesse como epitáfio”.

RCE: *O empréstimo foi liberado depois?*

Mino Carta: Claro. 50 milhões de dólares. Antes de escrever o livro, tive uma conversa com o Carlos Rieschbieter que na época, era o presidente da Caixa Econômica – quem liberaria o dinheiro depois de recebida a autorização das autoridades supremas – só para confirmar direito. E ele confirmou.



Capa de *Veja*, de 10/12/1969 e ilustração de Millôr Fernandes, em *Veja* de maio de 1974; tempos de chumbo, em que a revista ousou denunciar a tortura.



RCE: *Que tipo de trânsito, de contato você tinha nesta época com os escalões do governo, principalmente, com o Golbery do Couto e Silva e com o Armandinho Falcão.*

Mino Carta: Também isto está de alguma forma neste conto. O Golbery, eu o conheci desde antes; em 1972, ele estava fora do governo, era presidente da Chemical. Fui apresentado a ele pelo Elio Gaspari, que trabalhava na revista *Veja*, chefiava a seção de política da revista. Eles já se conheciam há uns quatro anos. Aí o Gaspari disse-me que eu precisava conhecê-lo. Fui conhecer o Golbery no Rio, fomos

almoçar juntos. A partir deste encontro, passamos a ter contatos freqüentes. O Golbery era uma pessoa muito cordial, bastante boquirrota. Ou porque ele percebeu que estava lidando com uma pessoa séria (acho que ele exagerou) ou porque... não sei, ele me contou histórias do arco da velha o tempo inteiro. Então, estava muito por dentro de um monte de coisas, ele foi uma fonte muito boa. Era uma relação *sui generis*. Achava-o uma pessoa cordial e simpática, estou convencido de que ele não gostava da tortura, inclusive porque a tortura estava nas mãos dos adversários dele, que o odiavam. Ele era um *milico* que jogou a farda fora. Então os outros militares o odiavam. Ele era diferenciado neste ponto de vista, mas as idéias dele não batiam com as minhas. Ele inclusive tinha uma visão muito maniqueísta do mundo, era um filho da Guerra Fria. Meu pai, que não tinha as posições dele, também era um filho da Guerra Fria. A gente achava que a Guerra Fria era uma coisa definitiva e que o mundo estava realmente dividido em dois pedaços. Não que isso fosse ruim, não sei. Tenho dúvidas. Não sei se era tão ruim assim, mesmo na época. Mas o Golbery achava que o bem estava de um lado e o mal estava de outro. Era um mundo muito maniqueísta, eu não concordava.

Golbery nunca me fez nada para facilitar a vida. Ele me informava, isso sim. Ele era até capaz de me ligar e dizer: Não durma em casa. Cuidado!

Mas, quando o Armando Falcão foi em cima da minha modesta pessoa, deixou

que as coisas corressem normalmente. Ele nunca prejudicaria o projeto dele por nada desse mundo, não mexeu uma palha a meu favor. Mas era uma fonte muito boa. Minha relação com o Falcão era diferente. O Falcão inicialmente foi quem conversou comigo para que a censura deixasse a Veja, ainda antes da posse do governo Geisel, e de fato a censura saiu por três semanas, no começo do governo Geisel, depois voltou e ele virou meu inimigo. Fiz o diabo contra ele. Contratei o Plínio Marcos, uma história famosa... O Plínio Marcos era apenas um instrumento de uma briga que se resolveu quando eu saí.

RCE: *E aquela capa da tortura? A censura voltou depois destas três semanas por causa daquela capa?*

Mino Carta: Não. A capa foi o resultado de um trabalho muito bem feito por uma equipe de oito repórteres, chefiada por Raimundo Pereira. Aquela capa precipitou um período de censura. A Veja viveu um longo período de apreensões nas bancas. Era apreendida com razoável freqüência. No episódio da tortura ela foi apreendida novamente. Isso foi fim de 1969. E a partir daí veio a censura para valer. A censura na revista começou em 1970, depois da capa Tortura, foi até 18 de março de 1974, saiu por três semanas e voltou muito pior do que antes e durou até a minha saída da revista, ou seja, saí no final de fevereiro de 1976 e a censura em abril de 1976.

RCE: *Durante a ditadura militar a Folha de S. Paulo não teve a presença do censor na redação. Por quê? Eles praticavam a auto-censura?*

Mino Carta: Acho que sim. E muitos outros. A Globo também. Eles cumpriam

rigorosamente o papel que a ditadura lhes tinha atribuído. A Folha da Tarde, além de tudo, era considerado o jornal com maior *tiragem* do Brasil, porque só dava tira lá dentro. Gente que trabalhava praticamente para a polícia e a Folha emprestava os seus carros para a Oban². Seria bom um papo com o Antônio Carlos Fon³, ele conta boas histórias a este respeito.

RCE: *E o Notícias Populares? Diz-se que o Notícias Populares tinha vínculos com o DOI-CODI⁴. Inclusive, não sei se você se lembra do episódio do Bacuri. A morte do Bacuri, que era um militante da VPR, foi dada pelo NP quando ele ainda estava vivo no DOPS. Que história foi essa?*

Mino Carta: Desta história eu não sei. A Folha tinha dois sócios, o Frias e o Caldeira. O Caldeira, mais nitidamente, tinha ligações com a Oban e com o que havia de pior na praça.

RCE: *Quais os principais desafios que você encontrou à frente da revista Isto É e depois no Jornal da República?*

Mino Carta: No caso da Isto É devo confessar que não tive grandes problemas, porque a revista teve sucesso muito rapidamente quando virou semanal, ela começou mensal. Depois de dez edições ela virou semanal. Começou a dar lucro dois meses depois. Estou falando de coisas pequenas, porque o investimento era mínimo. Mas foi muito bem, não teve problemas. Era uma revista muito corajosa, teve capas incríveis, "Abaixo o AI-5".... O Jornal da República foi mal, pois teve um

plano financeiro muito mal montado. Não tinha nenhum respaldo de dinheiro. Um jornal é muito diferente de uma revista e ele não se adaptou. Se tivesse atrás um apoio financeiro razoável, porque o nosso empreendimento era barato dentro das circunstâncias de um jornal diário, poderia estar vivo até hoje.

RCE: *Mas isso não se deveria à sua linha editorial?*

Mino Carta: Não, porque o jornal não discrepava da linha editorial da Isto É. A linha era praticamente a mesma.

RCE: *Então por que não tinha publicidade?*

Mino Carta: Porque não tinha tiragem. A Isto É tinha tiragem de 100 mil exemplares, era uma boa tiragem. A Veja devia ter 180, 200 mil exemplares. Não era uma diferença tão brutal. Estou falando do fim da década de 70, início da década de 80. Mas no caso do jornal, ele era uma coisa muito menor, além de tudo muito prejudicado pelo fato de ser uma publicação local. Isto É era uma revista nacional e o jornal circulava em São Paulo, capital. Basicamente esse era o território dele.

RCE: *Você acha que um projeto como aquele, bem estruturado financeiramente, seria viável hoje?*

Mino Carta: Hoje aquele, exatamente igual não. O país de alguma forma, em termos materiais, que são os menos importantes, se tornou mais exigente, quer dizer, em termos tecnológicos. Por outro

2. Operação Bandeirantes de São Paulo – centro policial-militar de repressão, tortura e morte dos opositores ao Regime. (N. Ed.)

3. Antônio Carlos Fon é jornalista, presidente do Sindicato dos Jornalistas no início dos anos 90. (N. Ed.)

4. Departamento de Operações Internas – Centro de Operações de Defesa Interna foi um organismo de informação e repressão, vinculado ao exército e durante o Regime Militar foi responsável pela prisão e morte de inúmeros opositores do Regime. (N. Ed.)

lado, havia coisas naquele jornal que hoje em dia não seriam entendidas, criariam muito mais problemas do que podia agüentar. Nós tínhamos uma página sindical em toda edição. Hoje não haveria jeito de fazer. Era um jornalismo revolucionário. Hoje não seria a mesma coisa. O mesmo jornal acredito que não, mas o conceito continuaria valendo. Valeria o conceito central e valeria a capacidade de produzir um jornal diário com uma redação pequena.

RCE: *Tecnologicamente é viável.*

Mino Carta: Sim, é viável. No entanto, o jornal é um sorvedor de dinheiro.

RCE: *Você acha que o jornalismo perdeu seu engajamento, seu romantismo, no tempo que se pensava na informação para transformar a realidade? Esta foi uma época heróica? Hoje a notícia é só mercadoria?*

Mino Carta: Não vejo assim. O jornalismo continua sendo jornalismo. O que houve foi o fato de que o dinheiro necessário, o investimento indispensável para criação de algumas empresas fortes determinou mudanças, concentrou a mídia em poucas mãos. Mas não é que o jornalismo tenha que ser diferente de como já foi. O jornalismo continua sendo a mesma coisa. Acho que temos uma sociedade complexa, o que explica o fato de que as grandes editoras estejam sempre juntas na hora do risco comum, daquilo que elas interpretam como risco comum com relação às políticas que são destinadas a impedir a criação de um mercado. Eles dependem do mercado, mas não querem o mercado. É uma série de contradições, são péssimos administradores.

RCE: *A notícia de que o Estadão conseguiu um canal de TV no Maranhão, será que tem alguma coisa a ver com a Roseana Sarney?*

Mino Carta: Não estou a par. Pode até ser. É difícil fazer alguma coisa no Maranhão sem a aprovação do Sarney.

RCE: *Que tipo de jornalismo a Veja pratica hoje? Que tipo de importância ele tem para o público leitor e para a formação das novas gerações de jornalistas?*

Mino Carta: Nenhum, importância zero. O Brasil é um país desimportante, não tem a menor importância. É uma colôniazinha dos Estados Unidos.

RCE: *Dentro dessa situação de colônia, que papel esse jornalismo de Veja exerce?*

Mino Carta: A Veja é a mais... é um baluarte da dominação da metrópole.

RCE: *Você acha que o jornalismo mudou por causa da TV e das novas tecnologias?*

Mino Carta: Certamente a TV e as novas tecnologias tiveram uma influência sobre o jornalismo. Mas não sei até que ponto isso implica uma mudança de conteúdo. Houve uma mudança formal forte.

RCE: *Você acha que os processos de edição que hoje são exercidos na grande imprensa brasileira são mais ou menos democráticos do que eram nas décadas passadas?*

Mino Carta: Há muito tempo o caminho estava traçado. O caminho da copidescagem do texto, da criação de uma casta de pessoas que tem a incumbência de trabalhar os textos e são sacerdotes do patrão, das regras internas, das mazelas e segredos, portanto, são qualificados para

uniformizar o texto e torná-lo adequado à linha do jornal. Ao invés de trabalhar formalmente o texto, enriquecê-lo literariamente, eles cuidam disso. Isso mais ou menos já estava traçado há tempos e é também um fruto da cópia do jornalismo americano. Nós copiamos mal freqüentemente, até na expressão *copy desk*. *Copy desk* é uma mesa, aqui virou uma pessoa, o que demonstra que não sabemos falar o inglês, não conhecemos as gírias americanas.

O fato é que copiamos um modelo que além de tudo não tem a ver com o Brasil por causa de recursos financeiros mesmo. Então estas editoras estão falindo por causa disso, copiaram o modelo errado. Este modelo não serve, é um modelo caríssimo, de gente rica.

RCE: *Como você analisa a legislação, que foi aprovada no Congresso, para abertura das empresas brasileiras de rádio e TVs em 30% para o mercado externo?*

Mino Carta: Vejo como uma conseqüência lógica da nossa subserviência. Estamos quebrados, nada melhor do que achar capital que vem de fora. Não há razão para achar que isso irá tornar o país mais independente.

RCE: *Que papel o jornalismo tem jogado nas eleições presidenciais, desde a campanha das diretas?*

Mino Carta: Estou vendo o jornalismo brasileiro, a mídia em geral, princi-

palmente a imprensa, muito empenhada em promover a candidatura José Serra. Estou vendo que ela está compactamente com o Serra, aliás, isso me comove. Eles se juntam quando se sentem ameaçados, eles acham que sem o Serra seremos um país muito infeliz.

RCE: *E a Roseana?*

Mino Carta: A Roseana, tenho a sensação de que não tem uma única escassa idéia própria. Acho que o Serra deve ter mais idéia que a Roseana.

RCE: *Mas para ser presidente não precisa ter muita idéia.*

Mino Carta: Absolutamente. Não sei onde saiu uma matéria sobre a saúde dos pré-candidatos. O Serra está tinindo. Ele pode disputar as Olimpíadas em várias modalidades. Já a Roseana está estrepada. Já fez inúmeras operações, tiram-lhe não sei quantos metros de reto, quantos metros de cólon, coração, pontes, viadutos... Uma coisa terrível. Coitada. Essas são coisas interessantes, a maneira de enfrentar este problema. E o que me encanta é a capacidade com que os meus colegas se sujeitam.

RCE: *Como você analisa os últimos acontecimentos (de novembro/dezembro de 2001), depois da reunião da OMC, em Doha, onde o nosso Presidente brilhou fazendo discursos em defesa de nossa nacionalidade e, na seqüência, tivemos alguns fatos no Brasil interessantes, como por exemplo a votação em caráter de emergência para a flexibilização da CLT, a votação dos 30% de abertura do capital das empresas de rádio e TV, a legislação sobre os transgênicos?*

Mino Carta: Talvez tenha alguma re-

lação. É o coroamento de políticas que pioraram o país de todos os pontos de vista. Continuamos nesta brilhante toada.

RCE: *A revista Carta Capital tem crescido bastante, inclusive recebendo mais anunciantes. Como você analisa este crescimento e qual a relação entre a publicidade e o jornalismo que a revista pratica?*

Mino Carta: Acredito que a revista deveria ter muito mais publicidade do que tem. A revista tem defendido os interesses do país e, portanto, os interesses da empresa nacional e mesmo da empresa multinacional que trabalha em proveito do país.

RCE: *Hoje ela tem em torno de 30% das páginas com publicidade?*

Mino Carta: Depende. Isso varia muito. Mas aí precisa ver o que é publicidade paga e o que é permuta. É uma revista que se agüenta, mas ela poderia ter boa parte de apoio de certos empresários que tomam posições interessantes.

RCE: *Você acha que o jornalismo que ela pratica tem espaço para crescer mais junto ao público leitor?*

Mino Carta: Sem dúvida. Isso é uma questão de dinheiro, se ela tiver recursos, se puder se promover através de *marketing*, através de campanhas de venda de assinatura, ela terá uma oportunidade de expansão razoável. No entanto, não me parece possível imaginar que uma revista dessa possa, num país como o Brasil, ir muito além de 150 mil exemplares de tiragem. Mas tendo em conta que Carta

Capital tem, no momento, 75 mil exemplares, ela pode dobrar tranquilamente. Tranquilamente é um exagero, mas pode dobrar a sua tiragem. Pense que a Economist, na Inglaterra, um país com índices de leitura um pouco mais alto do que o do Brasil, tem uma tiragem de 200 mil exemplares. E é uma revista que visa a um público muito interessado, intelectualmente mais evoluído. Mas, quando vejo os resultados deste teste⁵ realizado com a participação de 4.800 jovens brasileiros de 15 anos, que jogou o Brasil num confronto com 31 países, em 32º lugar em termos de compreensão de leitura, e verifico que 60% são débeis mentais, e que somente 1% consegue ler e entender o que está lendo, acho que temos aí um retrato do país, terrível mas suponho verdadeiro. São genocídios.

A nossa elite cometeu um genocídio. E está indo em frente por esse caminho. Estamos ofertando gugus, estamos oferecendo este tipo de coisa à população.

Gugu que também está na campanha do Serra. Outro dia o vi dizendo: Obrigado, Ministro por tudo o que o senhor faz pelo Brasil!

RCE: *A rede de TV norte-americana CNN tem sido fonte de informação privilegiada em momentos de crise internacional.*

5. Pesquisa realizada em 2000, em 32 países, pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos – Pisa. Ver mais em: WEBER, D., AVANCINI, M. *Para alunos brasileiros, difícil é pensar. O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 5/dez/01, geral.

Como você analisa a cobertura da CNN e da imprensa norte-americana nos episódios decorrentes dos ataques de 11 de setembro?

Mino Carta: Risos... Aí é covardia. Os Estados Unidos são o que são. Eles têm este rompante patriótico.

RCE: *Mas a grande nação democrática, de imprensa livre e democrática, como muitos de nossos profissionais e intelectuais se inspiram para defendê-la, onde foi isso?*

Mino Carta: Houve até vozes nos Estados Unidos, de gente que tentou uma análise fria. O mundo não se divide entre bem e mal. Não se trata de escolher entre uma guerra e o terror. Ambas as coisas são lamentáveis e condenáveis, tanto o terror quanto a guerra que os Estados Unidos levaram para o Afeganistão. Os Estados Unidos não são uma nova Roma. Vai ver que Roma em algum momento se pareceu com os Estados Unidos. Mas, certamente os Estados Unidos são um país discutível, não são o melhor país do mundo. Tem gente ótima, tem gente mais ou menos, tem bons jornais, tem maus jornais...

RCE: *Você acha que o norte-americano, mesmo o norte-americano comum se descobriu, depois de 11 de setembro, dentro de um mundo no qual ele não era amado, inclusive?*

Mino Carta: O norte-americano percebeu que era vulnerável. E em sendo vulnerável, não tão amado quanto eles supunham. Eles se imaginavam o farol da humanidade e descobriram que não eram. Descobriram que a humanidade os olha de outra maneira.

Mas devo dizer que, de um modo geral, o mundo inteiro se portou de forma bastante discutível, sobretudo o chamado primeiro mundo. Não foram muitas as vozes de quem quis discutir um pouco. Eu, se fosse governo, não mandaria tropas para ajudar os EUA, poderia tomar formalmente uma posição contra o terrorismo. Mas me insurgiria contra a maneira como a operação foi conduzida. Não acho que foi correta. Os EUA poderiam defender a idéia de que o atentado era algo que no fundo foi desfechado contra o mundo inteiro, e que portanto o mundo inteiro deveria se conscientizar do risco. Mas isso era uma coisa a ser proposta na sede correta, ou seja, na ONU. Chegar na ONU e discutir abertamente, o que vamos fazer?

RCE: *A ONU perdeu relevância nos últimos anos?*

Mino Carta: Com este episódio ficou claro.

RCE: *E como se faz globalização sem órgãos globais?*

Mino Carta: Mas globalização, nós sabemos muito bem o que quer dizer. Quer dizer a capacidade dos ricos de imporem aos mais pobres as suas regras do jogo. Órgãos globais atrapalham este tipo de debate. Então é normal acontecer o que está acontecendo. A globalização é isso. Além de tudo a globalização é um fenômeno indiscutível, determinado até pelo avanço tecnológico. A Internet é um episódio típico, é uma forma típica da globalização. Está claro que o que atrapalha nisto são as políticas implementadas pelos mais fortes.

Há e houve tantas críticas ao neoliberalismo que começa a haver gente que já não ousa pronunciar a expressão tão abertamente quanto já o fez. Mas é evidente que tudo foi montado para que os ricos fossem mais ricos e os pobres mais pobres.

RCE: *A Alca vem neste sentido? Você acha que a Alca sai?*

Mino Carta: A Alca vai acabar saindo porque a Alca interessa aos EUA. Parece-me que qualquer coisa sai desde que haja interesse para os EUA.

RCE: *Hoje se discutem muito os meios de comunicação na escola. Como você acha que se pode trabalhar com os meios de comunicação na escola? Como transformar o jornalismo, por exemplo, em instrumento de trabalho? Televisão, jornal são instrumentos de trabalho hoje para o professor, para a sala de aula?*

Mino Carta: São, na medida em que servem para mostrar como não se faz. Seria ótimo pegar o Estadão, a Folha e dizer: é assim que não se faz. É outra coisa. Pegar programas de televisão e mostrar: não é assim que se faz. Confrontar um noticiário da Globo e um noticiário da BBC e dizer: assim não é, assim é. É perfeito? Não, nada é perfeito. O homem é definitivamente e completamente imperfeito. Mas o noticiário da BBC é muito melhor que o noticiário da Globo. O jornal The Guardian não pode ser comparado ao Estadão, à Folha. Não dá!

RCE: *O que você acha da substituição, isso tem acontecido, do livro didático pelo jornal?*

Mino Carta: Eu nem sei muito bem o que quer dizer livro didático. Mas certamente o jornal não é didático, os nossos jornais não são didáticos.

RCE: *Você acha que os meios de comunicação têm compromisso com a educação?*

Mino Carta: Compromisso zero. Eles estão convencidos de que o leitor é imbecil e de que é necessário secundar a imbecilidade do leitor. Então eles tentam obscurecer as consciências, embrutecer as pessoas. Isso é uma tentativa conduzida a ferro e fogo pelo nosso jornalismo, sendo que não se sabe se é cometido este crime por incompetência, ou seja, porque eles não chegam além daquilo, ou porque há um plano deliberado.

RCE: *Você é romancista e pintor.*

Mino Carta: Romancista nada. Escrevi um livro que é uma sátira.

RCE: *Fale um pouco desse seu trabalho, desse seu gosto pela pintura, o que você está pensando sobre isso agora, o que você está produzindo...*

Mino Carta: Não estou produzindo coisa alguma. Porque a única coisa que no momento me convoca é a revista Carta Capital e no fundo estou vivendo, em certos pontos de vista, um momento de profunda perplexidade em relação ao país, às coisas da vida.

RCE: *Você escolheu esse estilo para o seu livro por que você diz coisas que ainda não podem ser ditas?*

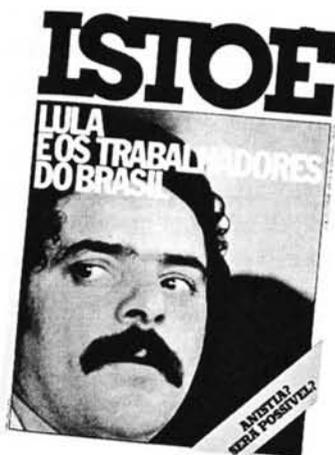
Mino Carta: Porque não estava a fim de fazer um livro jornalístico. Acho os livros jornalísticos ridículos, isso do fundo do coração. Acho que Joyce não pretendeu escrever um livro jornalístico, tampouco Proust contar uma história jornalística. Eu estava contando uma história verdadeira. Mas tentei vesti-la como se ela fosse fantasia, fruto da imaginação. Não interessava dizer isto aconteceu assim e assim, às 12 horas e tal. Não dei a mínima para isso no livro. O homem vive dentro do eterno e do infinito.

RCE: *E os personagens não são importantes?*

Mino Carta: Todas as personagens que estão no livro são verdadeiras. Algumas são fundidas, unem características de duas ou três pessoas. A única coisa que é feita no estilo jornalístico é o tal conto sobre minha demissão de Veja, exatamente porque é um conto. Se não fosse um conto, seria igual ao resto, porque o resto é realidade. O conto é que é a coisa escrita, texto jornalístico, frio, mais ou menos frio, porque não sei escrever como a maioria dos jornalistas escreve. Preciso botar um adjetivo de vez em quando, preciso construir uma frase, preciso de uma metáfora para me expressar.

Tudo o que está lá aconteceu.

Aliás gostaria que o Roberto Civita me metesse um processo porque ia me divertir muito. Ele não vai fazer nunca isso, porque tudo o que conto lá a respeito dele é verdade.



Em 1978, Mino Carta era diretor de redação de Isto É.

RCE: *Quais são seus projetos futuros?*

Mino Carta: Não tenho. O único projeto futuro é fazer com a que a Carta Capital vingue, se estabeleça, mais ou menos solidamente, enfim, que ela exista, passe a existir de fato. Estamos na mão de um cara, ou melhor, do Chinaglia, que é o distribuidor, estamos na mão do jornalista, estamos na mão de um monte de coisas complicadas. Estamos na mão dos

anunciante, dos leitores que não entendem o que estamos fazendo, e são muitos; estamos nas mãos de uns garotos de uma professora aí, muito legal, que adora Carta Capital e decidiu submeter aos seus alunos de 15 anos a cobertura de Veja e Carta Capital sobre os atentados ou ataques de 11 de setembro e o que se seguiu.

RCE: *E aí?*

Mino Carta: Os meninos não entendem o que escreve a Carta Capital. Dizem que não estavam entendendo. É linguagem muito complicada. Eles entendem a Veja. Isso demonstra que o jornalismo brasileiro conseguiu seu intento, estamos na mão disso tudo.

Resumo: Mino carta fala em entrevista a *Comunicação & Educação* sobre como chegou ao jornalismo, sua experiência em órgãos importantes da imprensa brasileira como Quatro Rodas, Jornal da Tarde, Veja, Isto É e Jornal da República. Fala também das dificuldades para manter Carta Capital e faz críticas severas aos rumos do país, aos presidencialistas, bem como ao jornalismo que se pratica no Brasil, desqualificando-o para o uso em sala de aula.

Palavras-chave: jornalismo, jornalista, Mino Carta, Brasil, Carta Capital, revista, jornal

(Mino, journalist of opinion)

Abstract: Mino Carta, in an interview to *Comunicação & Educação*, talks about how he entered the world of journalism and about his experience in important Brazilian press organisms such as Quatro Rodas, Jornal da Tarde, Veja, Isto É and Jornal da República. He also talks about the difficulty in maintaining Carta Capital and severely criticizes the path followed by the country, the candidates to the Presidency, and the journalism practiced in Brazil, disqualifying it for use in the classroom.

Key words: journalism, journalist, Mino Carta, Brazil, Carta Capital, magazine, newspaper